
finding love
um romance
de
A.Asena
gavi.dsgn

FINDING LOVE

A.ASENA

Copyright © 2022 A.ASENA

Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não pretendida pelo autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem permissão expressa por escrito do editor.

Design da capa: Gavi (@gsvi.dsgn)

Dedico a quem, assumidamente ou não, ainda procura o amor.
O amor que te respeita, te acolhe e te espera.
E dedico a minha mãe que foi a primeira pessoa a me mostrar o verdadeiro significado dessa palavra.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Cora Coralina

índice

Perdas
Traições
Máscaras
Batalhas e Sacrifícios



O Natal era um dos feriados mais importantes do ano, talvez um dos mais aguardados de todos. Ele trazia a magia para as noites frias, ou amenas, do inverno americano, as pessoas sorriam um pouco mais e gastavam dinheiro - excessivamente muitas vezes - para presentear outras pessoas.

As árvores eram montadas e brilhavam ainda mais que a noite mais estrelada, as ceias eram preparadas e tudo deveria parecer...certo.

O dia vinte e cinco deveria chegar com leveza, comidas quentes e suéteres fofos e bregas. Logo depois, a expectativa do ano novo bateria fortemente na porta e mais um feriado iria florescer como flores na primavera, abundante e previsível.

O relógio digital marcava 00:00 no Hospital St. Jude quando Blue o olhou pela vigésima quarta vez naquela noite. Ao contrário da felicidade e amor borbulhando em seu peito, ela sentia somente a bile e o medo corroendo seu estômago vazio.

A embalagem vazia de um chocolate barato - e terrivelmente ruim - era a única coisa em suas mãos. Sem nenhum presente. Sem nenhum celular cheio de mensagens de felicitações. Sem nenhuma mão de alguém dizendo que tudo ficaria bem.

A vida é assim, querida. Você não pode mudar o que ela te dá ou adivinhar o que ela pretende fazer com você. Ela pode te dar uma

rasteira ou um grande presente. Viver é se adequar ao que vier e se possível, não morrer tentando.

A voz rouca e baixa da sua falecida avó ainda percorria sua memória mesmo depois de três anos que um derrame a levou, a vida finalmente dando sua rasteira final. A velha nunca deixava de reclamar que estavam esquecendo-a na Terra e que Deus deveria resolver seu problema e levá-la para umas férias no paraíso.

Um sorriso singelo e pequeno preencheu os lábios ressecados de Blue, mas morreu logo em seguida quando a memória foi nublada pela percepção de que sua mãe faria companhia em breve para a sua avó.

Elas estariam juntas novamente.

— Você não parece estar num espírito natalino convincente, mas é bom o bastante. — uma voz masculina a faz olhar para cima, os seus olhos cansados e ainda um pouco úmidos.

— O quê? — ela pergunta ligeiramente curiosa, mas exausta o bastante para sequer se mover para ver melhor o estranho.

Ele era moreno, os seus cabelos castanhos escuros cortados um pouco próximos do seu crânio, mas parecendo desordenados mesmo assim. A sua pele também morena estava machucada, o seu lábio grosso inchado por um pequeno corte e o sangue seco ainda preso em alguns fios de cabelo perto do corte recém costurado em sua testa.

— A enfermeira disse que eu estava deprimente demais para o Natal, então me mandou procurar um espírito natalino. — ele dá de ombros, os seus olhos vagando preguiçosamente o corredor quase vazio do hospital.

— Você estava em uma briga?

— Foi o sangue, os hematomas ou o meu cheiro ruim que entregou? — ele sorri com sarcasmo, mas parece refletir suas palavras novamente antes de continuar. — Sinto muito, isso foi...rude? Sim, provavelmente foi rude.

— Provavelmente?

— Ok, completamente rude. Desculpa. — ele diz enquanto seus olhos castanhos se prendem nos olhos azulados de Blue. — Eu encontrei com um punho e então um pé e depois mais algumas

coisinhas. Não se preocupe, o médico disse que em alguns dias estarei pronto para mais.

— Talvez você consiga para o ano novo? — ela brinca, mas o seu sorriso sequer encontrava seus olhos.

— Isso foi uma piada? E com certeza, eu sou azarado o suficiente para encontrar alguns punhos vindo em direção ao meu rosto novamente. — as suas grossas sobrancelhas franzem e ele parece arrepiar com a lembrança. — O que te trouxe aqui no feriado?

Ela avalia a situação por alguns longos segundos, a dúvida de se abrir com um estranho rivalizando com a *necessidade* de simplesmente conversar com alguém normal sobre tudo o que estava acontecendo.

— Minha mãe está morrendo. — ela diz, finalmente se permitindo olhar os olhos do garoto sem desviar após algum tempo. — E talvez isso aconteça hoje, ou amanhã ou no ano novo. Só vai acontecer.

— Isso é triste, definitivamente. E a sua ceia foi esse chocolate?

— E biscoitos. O restaurante teve algum problema na refrigeração há algumas horas e nada vai ser consertado até meio dia.

— Céus, esse dia não poderia ficar melhor.

Ele fecha os olhos e respira fundo, o seu peito se expandindo e relaxando em um movimento calmo e fluído. E então, ele a observa novamente, o seu interesse renovado e um sorriso preso em seus lábios.

— Qual o seu plano para as próximas horas além de encarar o teto branco e segurar o lixo?

— Nenhum? — ela responde, confusão exposta em sua testa franzida e seu olhar desconfiado.

— Isso foi uma pergunta ou uma afirmação?

— Os dois, eu acho. — ela dá de ombros.

— Então, aqui vamos nós para o nosso plano de Natal.

Ele se levanta rapidamente, a sua estrutura alta e magra se erguendo e evidenciando que ele provavelmente estava saindo da adolescência há pouco tempo. A sua mão se estende em um convite silencioso e seus lábios machucados erguidos em um pequeno sorriso.

— Plano de Natal? — Blue pergunta, os seus olhos oscilando na mão calejada e grande estendida e o rosto ansioso do garoto.

— Exatamente, vamos colocar algum espírito natalino na sua madrugada.

— Eu nem sei o seu nome.

— É Charles e o seu?

— Blue.

— Como os seus olhos?

— Como a cor.

— Eu prefiro acreditar que seja os seus olhos. Agora, vamos lá. Se levante, por favor.

— E para onde eu iria com um completo estranho na noite de natal em um hospital?

— Ok, você vai tornar isso difícil. Isso é bom, no entanto, isso quer dizer que você é esperta em não sair com estranhos ruins. Agora, isso não é bom porque eu sou um estranho legal. — ele cruza os braços e parece concentrado em tudo o que ele jorra para fora da sua mente. — Primeiro, tem uma capela logo ali que dá um ótimo lugar para dormir e evitar que você continue como um zumbi por esses corredores. Segundo, depois do seu sono de beleza e revitalização, teremos uma surpresa.

— Surpresa?

— Isso mesmo, normalmente isso quer dizer algo novo ou não esperado.

— Eu sei o que “surpresa” quer dizer. — ela diz, uma pequena carranca de irritação formando em seu rosto angular.

— Nunca duvidei disso. — ele responde com o primeiro sorriso verdadeiro da noite, os seus olhos brilhando e focados apenas *nela.*

— Eu não preciso de caridade ou de ajuda.

— E eu não me lembro de ter oferecido caridade ou ajuda, Blue.

— E toda essa programação é o quê, Charles?

Ela se levanta e mesmo com alguns centímetros a menos que ele, ela ainda permanece com a pose mais confiante e imponente que as vinte e duas horas sem dormir permitiam. Isso só fez o sorriso dele aumentar e, consequentemente, a carranca dela ocupar ainda mais espaço em seu rosto.

— Você dormir é um favor à humanidade e à equipe do hospital porque em alguns momentos você dormiria sentada ou cairia no meio do corredor desfalecida. Além disso, olheiras não combinam

com seu tom de olhos, isso meio que é incômodo. E sobre a surpresa... é um favor a mim mesmo.

— Uma surpresa para mim é um favor para você?

— Exatamente.

— E como isso funciona?

— Se eu contar, vai deixar de ser surpresa.

— Você não tem nenhum lugar para passar o natal? Família, amigos, cachorros abandonados...

— Você é sempre teimosa assim ou é um tratamento exclusivo para mim?

— Só com estranhos em hospitais que surgem do nada.

— Eu espero que você não converse muito com estranhos por aí, eles podem ser perigosos... — ele estende sua mão novamente em direção à ela — eu não tenho nada ou ninguém para voltar hoje e eu sei que você também não. Então, por favor, me ajude a tornar essa noite um pouco menos pior para mim e para você? Por favor? Eu juro não tentar nada além de um aperto de mãos educado. Amanhã eu irei embora e você não se lembrará mais de mim.

Charles esperou pacientemente enquanto ela o encarava em silêncio, os seus olhos azuis absorvendo a maneira como ele não havia movido sua mão e em como ele parecia desajustado com todos aqueles arranhões, machucados e sujeira mas, ao mesmo tempo, muito mais ajustado que ela.

Enquanto isso, ele a observava morder levemente o lado direito do seu lábio inferior e a sua pele antes pálida agora um pouco avermelhada pela vergonha e pela pequena raiva que ele havia provocado. Ele já havia estado em um lugar ruim da sua mente assim como ela, e tudo o que ele queria naquela época era que alguém tivesse estendido a mão e garantido que ele não se afundasse em si mesmo.

Ele queria ser *essa* pessoa para a garota de moletom preto e cabelo castanho bagunçado ao redor do seu rosto pálido. Ele nunca foi bom na escola, com seus amigos ou com o seu trabalho, mas ele queria ser bom pela primeira vez em sua vida.

Para ela. Para ele.

— Tudo bem, se você tentar alguma coisa eu corto suas bolas fora. — ela aponta seu indicador para o seu peito e aperta seus

olhos assustadoramente.

— Sim, chefe.

— Onde é a capela?

— Vou te levar, chefe.

Ele segura delicadamente sua mão direita e a encaminha por entre os corredores com alguns acompanhantes restantes e funcionários de plantão.

— Você pode parar de me chamar de chefe.

— Sim, senhora.

— Você também pode parar de me chamar de apelidos.

— Impossível.

— Eu quero saber o porquê?

— Pessoas legais merecem apelidos legais.

— Qual o seu então?

— Você me acha legal? — ele tira brevemente sua atenção do caminho para olhá-la, um sorriso preso em seus lábios.

— Não.

— Então sem apelidos para mim, senhorita.

◆◆◆

— Voilá, esta é a capela.

Ele aponta para a porta de madeira com uma cruz desenhada em dourado, a partir dela uma pequena estrutura compunha a igrejinha hospitalar. Desenhos estavam no teto, bancos de madeira colocados em quatro pequenas fileiras e um pequeno altar no lado oposto.

— Dormir em uma capela pode ser considerado pecado? — Blue pergunta enquanto observa com atenção os traços das imagens sob sua cabeça.

— O que é pecado para você? — ele pergunta, com suas mãos escondidas no bolso da sua calça e a sua atenção na cruz atrás do altar.

— É agora que iremos começar um papo filosófico sobre religião?

— Eu não sei, mas provavelmente não. Eu não gosto de debater sobre a existência daquilo que eu não acredito.

— Você não acredita? — ela pergunta, os seus olhos focados em Charles e sua postura ereta e tensa.

— Não. — ele dá de ombros em um falso desinteresse — Você deveria dormir. Eu vou arrumar a sua cama.

Ela não responde e ele passa a se preocupar em buscar dois cobertores em um baú escondido em uma das laterais da capela. Charles trabalha em silêncio e sob os olhos atentos de Blue, criando uma cama no chão com um dos cobertores e dobrando o outro para que se tornasse um travesseiro fofo e confortável.

— Sua cama, querida. — ele aponta para o seu trabalho e abre um pequeno sorriso quase não mostrando seus dentes brancos.

— E você?

— Eu fico com o banco.

— Não, você é enorme para esse banco e eu sou pequena demais para essa sua cama.

— Você pode não ser teimosa por uma noite? Deite e aproveite. — ele resmunga irritado enquanto busca mais um cobertor e se dirige para um dos bancos.

— Eu não controlo isso.

— É claro que não. Durma. — ele comanda.

— Como você sabe sobre tudo isso aqui?

— Durma.

— Charles, como você sabia sobre onde achar os cobertores ou como chegar até aqui se você sequer acredita em Deus?

— Durma. — ele diz mais uma vez, os seus olhos vidrados presos aos dela. — E talvez eu te responda tudo isso. Agora, por favor, deite e descanse.

Ela ainda o olha por alguns segundos, tentando desvendar os motivos desse garoto estranho estar ajudando-a e ao mesmo tempo carregando tantas contradições e mistérios. A sua curiosidade inundando sua mente e tirando um pouco da nebulosidade, tristeza e do medo.

— Tudo bem.

— Tudo bem. — ele sorri e pisca seu olho direito. — Quem dormir primeiro ganha. — Ele deita rapidamente em sua cama improvisada e fecha seus olhos, escondendo seus olhos castanhos brilhantes.

— Nós voltamos para o jardim de infância.

— Definitivamente, o cochilo vem antes do lanchinho. Se for uma boa garota ganha um bolinho no final do dia.

— Hahaha, muito engraçado. — ela caminha até o seu cantinho e se aconchega nos cobertores, a tensão deixando lentamente seu corpo.

Eles permanecem em silêncio por alguns minutos, o barulho do vento batendo firme nas janelas de vidro e os passos de algumas pessoas atrás da porta sendo os únicos sons além de suas respirações.

— Charles? — Blue fala baixinho, sua voz denunciando o medo de acordá-lo

— Sim? — ele responde imediatamente.

— Obrigada pela cama.

— De nada.

— E obrigada por todo o resto.

— Eu não fiz nada demais, senhorita.

— Sim, você fez. E não chame de apelidos.

— Sim, florzinha.

— Você é insuportável.

— Quem dormir primeiro ganha, não se esqueça.

Eles voltam ao silêncio confortável então, os olhos se fechando levemente e a respiração se normalizando enquanto o sono chegava. Blue foi a primeira a alcançar o sono, seu corpo antes tenso e dolorido aproveitou o pouco tempo para relaxar e lhe entregar forças para continuar a lutar depois que acordasse. E apenas quando o barulho da sua respiração se normalizou por tempo o suficiente foi que Charles permitiu que seus olhos se fechassem e ele a acompanhasse.

◆◆◆

Quando os olhos de Blue se abriram novamente algumas horas depois haviam bolinhos e uma lata de refrigerante esperando-a. Charles apenas sorriu e encheu sua boca com mais um pedaço de bolinho de chocolate e chantilly.

— Onde você conseguiu isso?

— Fui comprar enquanto você babava em todo o cobertor.

— Eu não babo dormindo. — ela franze a testa em uma irritação fingida, mas agradecida por ter algo para preencher seu estômago além de água e chocolate ruim.

— Se você diz...

— Obrigada. — ela diz com um bolinho de baunilha em sua mão e um sorrisinho em seus lábios.

— U-hum. — ele balbucia com a boca ainda um pouco cheia e balança os ombros. — Pegue suas coisas ou vamos chegar atrasados para a surpresa.

— Temos que ir agora?

— Sim.

— E para onde?

— Isso se chama “surpresa”, lembra? Significa... — ele diz, mas é interrompido antes que continue.

— Eu me lembro o que significa.

— Ainda bem ou eu chamaria algum neurologista para avaliar sua cabeça, além da saliva escorrendo enquanto dorme, a amnésia pode ser algo preocupante.

— Você é irritante. — ela acusa enquanto dobra e junta os cobertores em que dormiu.

— Você é teimosa.

— Eu não vou responder à isso.

— Por mim tudo bem. — ele abre um sorriso para ela e a ajuda a carregar os cobertores para o baú e a recolher o seu lanche.

Ela o segue em silêncio enquanto eles saem e se encaminham por algumas escadas de metal. O seu refrigerante já estava quase na metade e o seu fôlego já estava pesado quando eles finalmente chegaram no último lance de escadas.

— Será um pouco frio aqui em cima, mas a fumaça das caldeiras irá nos aquecer em breve.

Ele abre a porta e uma imensidão de branco e luzes invadem seus olhos, a neve caída sobre o telhado, nas ruas e nos outros prédios ao redor, além da luz da cidade que mesmo ainda sendo de madrugada ainda permanece acordada e se preparando para a manhã de natal.

— Isso é lindo. Isso é... — ela não consegue terminar ao notar como o lago do parque próximo ao hospital reflete as luzes mesmo congelado.

Charles se ocupa de limpar alguns bancos da neve e arrumar o restante dos lanches para que ela pudesse comer e então, eles se sentam em silêncio enquanto absorvem a magia do natal.

— Agora é a hora. — ela diz entre mordidas, os seus olhos ainda presos no mundo ao seu redor.

— Do quê?

— De você contar como você conhece tudo isso.

Ele fica em silêncio por alguns longos segundos, os seus olhos fixos na pele agora avermelhada pelo frio de Blue.

— Eu quero te deixar feliz, eu contar não faria isso.

— Eu não posso ficar *realmente* feliz nesse momento, mas agradeço por você tentar. — ela alcança os olhos castanhos e o observa. — Agradeço *muito*.

— Você não precisa agradecer, não foi nada. — ele olha para o céu escuro e quase sem estrelas. — A minha irmã morreu aqui.

O choque é a primeira sensação que percorre o corpo e a mente de Blue, sua imaginação fértil não poderia ter imaginado algo *nesse nível*.

— Eu te falei que eu não queria te deixar triste, Blue...

— Há quanto tempo? — ela o interrompe.

— Um ano, quatro meses e dois dias. — ele responde imediatamente, as suas mãos com alguns machucados apertando suas pernas em seu jeans sujo. — Ela tinha um câncer fodido que ninguém sabia direito o que fazer. Ela tinha cinco anos e meio quando descobriu e sete quando não aguentou mais.

— Por isso você não acredita em Deus? — ela pergunta baixinho, a sua atenção totalmente voltada para ele.

O aperto em suas pernas aumentou significativamente, mas as mãos de Blue alcançaram-nas antes que a dor aumentasse. Charles engoliu em seco e fechou os olhos enquanto as suas mãos se acomodavam nas mãos macias da garota que havia conhecido há poucas horas.

— Ela era perfeita, Blue. Ela me abraçava todas as manhãs, amava os legumes e odiava televisão porque dizia que isso a

impedia de brincar na terra. O último dia que eu vi seus olhos abertos foi o último dia que eu acreditei que houvesse um deus que se importava comigo, que se importava com a gente. — as suas mãos ásperas e machucadas acariciam levemente as sedosas e delicadas, o seu fôlego se reajustando para que ele pudesse continuar. — Isso pode parecer clichê pra caralho, mas eu *não consigo* entender que ele fez a pessoa mais perfeita do mundo sofrer.

— A dor... ela diminui? — ela pergunta quase baixo demais para ser ouvido, mas o aperto leve em suas mãos denunciou que ele havia a escutado.

— Não. No começo, eu procurava alguma forma de ficar fora de casa e conseguir o máximo de brigas que eu pudesse. A dor era como uma constante tão forte que eu poderia sufocar a qualquer momento. E então... a minha mãe parou aos poucos de beber todos dias, meu pai voltava para casa antes das dez da noite e eu evitava discussões e lutas na maioria das vezes. Foi melhorando, eu acho. Você convive com a dor, se acostuma com a falta de ar e aquilo que aliviava sua mente se torna apenas... uma forma idiota de acabar consigo mesmo.

O primeiro tremor foi de suas mãos, depois o seu peito começou a tremular levemente e em poucos segundos o corpo de Blue estava totalmente envolvido nos braços quentes e grandes de Charles.

As lágrimas caindo e caindo e caindo.

Ela estava desmoronando.

— A minha mãe vai morrer. — ela consegue dizer entre os soluços altos. — Ela vai morrer e eu não sei o que eu vou fazer.

— Você vai descobrir.

— Não, eu não...vou.

— Eu te prometo, linda. Eu te prometo.

Quando as suas lágrimas diminuíram até pararem e a sua cabeça já não doía tanto pelo esforço o céu já estava clareando e o dia dava lugar a noite. Os braços de Charles estavam firmemente presos ao redor do corpo de Blue, os seus corpos perfeitamente moldados e encaixados.

— Você é um travesseiro melhor que aqueles cobertores. — ela diz ainda abraçada e com sua cabeça em seu ombro.

— Esse é o melhor elogio que você já fez para mim. E o único. — ele brinca, os seus olhos fixos na maneira que os fios castanhos se encontravam com o casaco rosa escuro de Blue.

— Eu poderia falar que você é cheiroso, mas isso seria uma pequena mentira.

O peito de Charles vibra sob a cabeça de Blue com a risada, um som rico e cativante.

— Sinto muito por isso. Eu tinha planos de apenas dirigir e distrair a mente, mas um motoqueiro idiota achou que o seu punho na minha cara era uma distração para *ele*. E então demorou alguns minutos para que eu tivesse coragem de me levantar do chão sujo do posto de gasolina para vir até aqui.

— Você deu alguns socos nele?

— Claro que não, princesa. Eu sou muito educado para isso.

— E os machucados em suas mãos?

— Eu não tenho culpa pelo meu instinto de defesa de um herói de filme de ação.

— Porque você sempre me chama de um apelido diferente?

— Isso é um segredo.

— Sério? — ela se afasta do seu corpo e o encara em dúvida.

— Muito sério.

— Por favor... — ela faz um pequeno biquinho com seus lábios e curva a cabeça ligeiramente para o lado.

— Não.

— Sim.

— Não.

— Céus, desfaça esse biquinho. — ele acaricia levemente sua bochecha corada e desvia os olhos logo em seguida.

— Não.

— Sim.

— Não.

— Teimosa.

— Irritante. — ela segura o seu queixo e o faz olhar novamente em seus olhos. — Me conte.

— Não. — ele solta seu queixo e pega o de Blue logo depois, guiando lentamente seus lábios até a sua orelha direita com um pequeno brinco de coração no furo. — Eu preciso que você me

deixe ser um cavaleiro e te leve para a sala de espera sem uma boca inchada pelo meu beijo ou com o cabelo desarrumado pela minha mão. Então, me deixe cumprir minha promessa e manter a minha sanidade.

— Não.

— Quantos anos você tem? — ele pergunta, os seus lábios agora quase tocando sua orelha.

— Dezenove.

— Eu tenho vinte. Os mais velhos mandam.

Ele se distancia e se ergue o mais rápido possível sem a derrubar no processo. E sem esperar uma resposta, começa a arrumar e reunir as embalagens vazias e levar até o pequeno lixo no canto oposto do telhado.

— Teimoso.

— Irritante.

Ele para no caminho de volta e sorri, os seus olhos observando a postura relaxada de Blue que não parece em nada com a postura tensa e assustada que ele a encontrou no início.

— Você é a teimosa.

— Você é o irritante.

Eles sorriem um para o outro e juntos terminam de organizar tudo antes de voltarem novamente para as escadarias.

— Você não deveria ter voltado para casa ou algo assim?

— Os meus pais estão aproveitando uma nova lua de mel no Caribe. — ele dá de ombros e continua descendo em um ritmo lento para ela poder acompanhá-lo.

— No natal?

— Foi a única data que a empresa da minha mãe permitiu que ela tirasse suas férias. E desde que Anneliese morreu...o natal era o feriado favorito dela.

Eles caminham boa parte do restante do trajeto comentando sobre amenidades como o último jogo de futebol e as suas cafeterias favoritas no centro da cidade. Porém, Blue começou a descer as escadas cada vez mais devagar, até que...

— O que foi? — ele parou de descer e recebeu apenas um olhar irritado como resposta. — Não finja confusão, você está mais devagar do que quando estava cansada e com sono ontem.

— Eu ainda estou cansada e com sono. — ela cruza os braços e ergue o queixo decidida.

— Diga.

— Estou com medo, tudo bem? Eu vou voltar para aquele corredor sozinha e esperar que o meu pai crie coragem o suficiente para vir se despedir dela.

— Ok. — ele acena com a cabeça e continua parado a observando.

— Ok?

— Ok.

— Pare de me irritar, Charles. Fale o que você quer dizer.

— Eu não me lembro de ter dito que eu vou embora, eu fiquei sabendo que tem um chocolate incrível na máquina de doces daquele andar e quero provar alguns.

— Você não precisa, eu consigo...

— Blue, você é linda, fofa e quase não ronca muito dormindo, mas não tem poder de decisão no meu amor por chocolates.

— Eu não ronco.

— Aham. — ele continua a descer os degraus.

— E você me chamou de linda. E fofa.

— Jura?

— Idiota.

— Fofa.

— Charles? — ela pergunta, fazendo-o parar alguns degraus longe. — Você faz um favor para mim?

— Claro. — ele franze a sobrancelha em preocupação e sobe novamente até que está na mesma altura. — Você está com fome? Ou quer que eu procure seu pai?

— Não. Eu quero uma outra coisa.

— Diga e eu faço, qualquer coisa.

— Qualquer coisa?

— Menos coisas que envolvem cadeia, eu sou muito jovem.

Ela sorri e ele a acompanha, os seus olhos fixos um no outro e as suas respirações quase unificadas pela proximidade, o ar frio vindo do inverno não faz nenhuma diferença para seus corpos.

E assim como as contagens para a chegada do papai Noel, a magia aconteceu.

Três.

Dois.

Um.

Os seus lábios se tocaram e como uma dança perfeitamente ensaiada as mãos de Blue foram para o pescoço e os braços de Charles envolveram a sua cintura trazendo-a para si. Um beijo perfeito em todos os seus pequenos aspectos, desde a textura viciante de seus lábios e línguas unidas até o coração acelerado em seus peitos.

O caos do mundo exterior parecia névoa em suas mentes, tão espalhada e suave que nada mais importava.

A dor, o medo, a solidão e a perda seriam encontradas em alguns instantes quando os lábios se separarem, os corpos se afastarem e os seus corpos voltarem para o mundo real do corredor de um hospital.

Mas naquele momento... *esse momento era deles*.

Era magia.

Era beleza.

Era alegria.

Eram eles.

— Você é completamente perfeita. — ele diz se distanciando apenas alguns centímetros, os seus olhos presos aos da garota à sua frente.

— Eu não sou perfeita.

— Nesse momento, nos meus braços e olhando pra mim assim... você é.

— Obrigada. Por tudo.

— De nada. Por tudo.

— Obrigada por me ajudar em um feriado tão difícil para você como esse.

— Não precisa agradecer, alteza. Eu ainda preciso descobrir se a sua cabeça estará boa nos próximos dias e semanas.

— Por que? — ela pergunta, sua mente confusa mas seu coração batendo forte.

— Eu estou com medo de você esquecer algo muito importante por conta da sua amnesia.

— Do que? Não babar enquanto eu durmo?

— Eu sabia que você assumiria isso em algum momento. — ele dá uma risadinha e beijo a sua testa com carinho. — mas não, eu preciso que você não se esqueça de fazer isso.

E eles se beijaram novamente, a magia e a leveza assumindo o lugar onde sempre pertenceram.

A vida estava ali, pronta para derrubá-los ou dar um presente incrível, mas eles estariam prontos para lutarem.

A perda de pessoas queridas ainda iriam ferir seus corpos incansavelmente e dolorosamente nos próximos dias, meses e anos. Blue aprenderia a respirar mesmo com dor.

Ele a ensinaria.

Ele a protegeria. E ela também o guardaria.

O amor seria o presente de natal da vida, embalado em fita azul e com bolinhos de sobremesa.



O quão azarado alguém poderia ser no fatídico - e extremamente aguardado pelas pessoas comprometidas (ou não) - dia dos namorados?

Esquecer a data e ter que comprar a última rosa da floricultura?

O parceiro comprar a comida que você odeia achando que você a ama?

Tomar um banho de lama momentos antes de entrar em um restaurante badalado para um encontro?

Tantas possibilidades...

— Você tem certeza disso, senhora Williams? — a recepcionista fala calmamente, cada sílaba deslizando roboticamente por seus lábios pintados de um nude avermelhado.

— Sim, eu tenho. E é senhorita Williams, por favor.

Enquanto a mulher afirma rapidamente com a cabeça e continua a digitar em seu computador, os dedos magros e longos de Francesca Williams - quase ex Francesca Jones - batem ritmicamente no mármore frio da recepção.

As suas unhas pintadas de um branco perolado bonito e a sua pele escura perfeitamente hidratada. O seu cabelo cacheado estava sedoso e perfeitamente ondulado em suas costas, depois de semanas e mais semanas de tratamentos nos melhores salões de beleza que os cartões de crédito sem limites de seu ex noivo poderiam pagar.

Ele havia dado tudo para ela, isso era inegável.

Por algum tempo, ele deu amor. O tipo de filmes em que o mocinho aluga carros importados e compra os melhores vinhos para dar uma noite fantástica para sua mulher, ele a escutava e a *ouvia de verdade.*

Houve um tempo em que ele realmente se interessou em ouvi-la, em acompanhar totalmente sua vida, desde as partes feias até as mais lindas, mesmo que isso envolvesse ignorar seus e-mails e suas ligações.

E então, tudo desabou.

Lentamente e dolorosamente desabou.

O anel estava em seu dedo anelar e a data estava marcada, os preparativos estavam sendo preparados e os convites enviados.

Ele parou de ser presente, seus encontros ficaram mais raros e o *ouvir* ficou no passado.

E então a cereja do bolo: ele havia a traído.

Dezenas, centenas de vezes.

Com sua melhor amiga.

E ela só foi descobrir duas semanas antes do “sim” ser dito no altar da igreja.

— Fantástico! — a recepcionista exclamou animada — Sua diária está aqui, senhorita.

O cartão foi entregue e um olhar de pena o seguiu, a postura ereta da mulher se curvando um pouco quando a percepção de que uma mulher jovem e gentil estaria passando sua lua de mel sozinha, o maior e o pior clichê possível.

— Obrigada.

O caminho até o elevador era regado com luxo e colunas gregas exuberantes, já dentro da caixa metálica havia espelhos bem limpos e uma música clássica tocando baixinho ao fundo. Ela não foi carregada até o seu quarto ou teve suas roupas tiradas por mãos masculinas assim que passou pela porta do quarto, ninguém estaria lá para beber a segunda taça de champanhe e as rosas na cama só serviriam para ir até o lixo.

Francesca aproveitaria suas pequenas férias, e nem mesmo o homem ligando incansavelmente para o seu telefone impediria isso.

◆◆◆

A manhã seguinte estava quente e úmida, a brisa do mar sendo convidativa para que aproveitasse as águas do oceano e as sombras frescas da praia. O quarto bem iluminado com vistas para o azul do céu e do Atlântico parecia revigorar a alma e acalmar a mente, mas as lembranças da humilhação e da vergonha ainda eram um pontinho insistente na mente de Francesca.

Ela penteou seu cabelo, hidratou e passou protetor solar em cada centímetro de sua pele, colocou seu perfume preferido nos pontos certos e vestiu seu biquíni e vestido floral novo. Somente então ela se permitiu sair para explorar o resort caro e muito bem recomendado que havia pesquisado durante meses até finalmente decidir.

O café da manhã seria em uma das varandas do restaurante principal, a pequena estrutura intimista com uma mesa de madeira polida, cadeiras de estilo parecido e porções generosas de comida expostas.

Estava tudo perfeito até o som característico do seu celular interromper a vista maravilhosa que Francesca admirava.

— Você não deveria estar fodendo alguma outra mulher que eu considerava amiga? Ou talvez respondendo as centenas de e-mails dos *seus* convidados perguntando sobre o cancelamento da cerimônia?

— Bom dia, Francesca. Como você tem passado? — a voz do seu ex noivo provoca arrepios em sua pele, não aqueles positivos.

— Ótima, ficaria ainda melhor se você me esquecesse.

— Sempre tão gentil, querida. — ele provoca — Como estão suas pequenas férias?

— Seriam perfeitas se você não me incomodasse com suas ligações e mensagens.

— Ouch, eu imaginei que depois de dormir em uma cama de milhares de dólares e acordar com uma vista paradisíaca você estaria mais...

— Dócil? Idiota? Sendo uma otária? — ela o interrompe, a sua mão esbranquiçada pelo esforço de apertar o celular.

— Calma, Francesca. Eu esperava que você estivesse mais calma e pudéssemos conversar. Nós...simplesmente não podemos desperdiçar sete anos de uma história linda por um...acidente.

— Claro, Joshua. Eu realmente acredito que você fodeu todas aquelas garotas por puro...acidente. Foi realmente triste que você entrou *acidentalmente* dentro dela no dia dos namorados. E todos os dias antes disso.

— Querida...

— Cale a boca e, pelo amor de Deus e da minha sanidade, não me chame de qualquer apelido ridículo que você usava na cama com elas.

— Francesca, eu errei. Eu assumo isso, mas nós íamos nos casar, ter uma casa como você sempre sonhou e uma família linda.

— Nós íamos ter sido isso se você não aproveitasse todas as chances em estar em *todos* os buracos possíveis.

O barulho de ofego e da porta de vidro se fechando interrompe a atenção de Francesa, o seu olhar raivoso sendo direcionado para o estranho que estava parado, olhando-a.

— Sim? — ela pergunta para o homem que parece congelado com a situação.

— Eu estava falando...

— Eu não estava falando com você, idiota. — ela responde para o telefone e tampa o microfone com uma das mãos — Eu estou ocupada aqui, senhor.

— E você está ocupada na minha varanda. — ele aponta para a mesa com um dedo indicador.

— Não, eu não estou.

— Sim, você está.

— Céus, o que eu preciso para ter um pouco de paz de homens? — ela murmura para si mesma, mas o sorriso do estranho denunciou que ele havia escutado claramente. — Só um minuto. — ela diz irritada para o homem ainda parado observando-a e volta sua atenção para a chamada em andamento — Eu vou desligar agora e você vai me deixar em paz. No nível para sempre. Eternamente. Eu nunca mais quero ver sua cara, ouvir sua voz ou me lembrar que você existe. E por favor, Joshua, pelo bem da

próxima mulher que te suportar: o tamanho do seu ego não condiz com o tamanho do seu pau.

O silêncio que se seguiu após apertar a tela para desligar a chamada era pesado, desconfortável e um pouco cômico. O peito de Francesca sobe rapidamente, o seu fôlego se esvaindo à medida que ela percebe o que ela falou para o seu ex noivo e principalmente: o que ela falou para um *completo e total* estranho.

O vento já não bastava para aplacar o calor da vergonha que começava a emergir por seus poros e quase sufocava sua garganta.

— Então, o que você estava dizendo? — as palavras quase não saem de seus lábios, mas ela obriga seu corpo a manter uma postura ereta e um tom de voz o mais plano e calmo possível.

Ele veria uma mulher em seus trinta e poucos anos com um lindo vestido de verão, cabelos definidos se movimentando pelo vento e uma confiança inabalável.

O homem bonito à sua frente não precisaria saber que ela estava a poucos segundos de abandonar a varanda, o hotel, a cidade e se possível, o planeta, se isso permitisse que a memória do ela acabara de fazer também fugiria de sua mente.

— Você está na varanda que eu havia agendado para mim. — ele diz delicadamente, os seus braços cruzados na frente do seu peito de forma calma e casual.

— E eu disse que não estou.

— Posso ver sua ficha de agendamento?

Ela não responde com palavras, mas entrega desinteressadamente o pequeno papel pardo que lhe foi entregue na noite anterior quando solicitou o café da manhã com a recepcionista.

Enquanto isso, ela aproveita os momentos em que o homem estava ocupado para observá-lo com atenção. O seu cabelo liso estava preso em um pequeno coque atrás de sua cabeça permitindo que seu rosto angular e com barba rala se destacasse ainda mais, os seus olhos castanhos claros olhavam minuciosamente as folhas à sua frente e ele era alto o bastante para sua cabeça estar apenas há alguns palmos do teto relativamente baixo da varanda.

— Temos um problema.

— Você jura? — ela ironiza, mas a sua atenção ainda presa na maneira como pequenas sardas no seu pescoço desapareciam na sua camisa azul claro.

— Nós temos um mesmo agendamento para o café da manhã. Ambos os papéis estão para a varanda 104.

— E o que fazemos sobre isso? — ela pergunta curiosa, sua atenção voltada para o rosto dele agora.

— Nós tomamos café da manhã. A não ser que você consiga comer toda essa comida.

Ela não conseguiria, mas alguma coisa em sua mente queria que ela afirmasse isso apenas para tirá-lo dali. Francesca cogitou por alguns longos segundos chamar alguém da equipe do hotel para resolver seu problema, mas a quantidade de comida e o fato do estranho já estar a ponto de se sentar à sua frente a impediram.

— Tudo bem. — ela finalmente concorda.

Os primeiros minutos foram desconfortáveis e com um silêncio tão incômodo que era como se uma coceira tivesse atingido seus corpos. Os sons dos sucos naturais sendo despejados em corpos, os talheres batendo nos pratos e o barulho característico de mastigação sendo as únicas companhias para o barulho do mar e da praia.

— Então, isso pode ser inconveniente, mas eu preciso saber. — o homem interrompe o silêncio e recebe a atenção de Francesca. — Quem era o homem do telefone? O cara com um ego enorme.

— Isso foi inconveniente e eu sequer sei o seu nome. — ela responde após engolir o pedaço de bolo que havia cortado.

— Eu sou apenas...curioso. Desculpe. — ele abre um sorriso quase envergonhado — E eu sou Oliver.

— Francesca.

— Eu sei, lindo nome. — ele diz, mas recebe uma careta de dúvida em retribuição — Estava na folha que você me entregou. Eu não sou nenhum protagonista de “You”.

— Você assistiu? — ela pergunta com um pequeno sorriso.

— Não. — ele dá uma pequena risada antes de continuar — Minha irmã mais velha é viciada nessa série e quaisquer outras que envolvem psicopatas e coisas estranhas acontecendo.

— Ela parece legal.

— Então, você irá me contar ou eu permanecerei no triste e deprimente lado da curiosidade?

— Você sabia que a necessidade de obter informações sobre a vida alheia pode ser um problema? Já buscou algum tratamento psicológico ou algo parecido?

— E você sabia que fugir de respostas sempre também podem ser indícios de problemas como esse?

— Não se alguém está fazendo perguntas indelicadas.

O seu sorriso morre aos poucos e ele acena com a cabeça, um fio castanho deixando o seu coque e tocando sua pele.

— Desculpe por isso, Francesca. Não perguntarei mais. — ele dá de ombros e dá uma piscadinha antes de colocar um grande pedaço de melão em sua boca.

— O meu ex noivo me traiu com minha melhor amiga no dia dos namorados. E isso foi duas semanas antes do nosso casamento, este que aconteceria ontem pela manhã. E essa viagem deveria ser nossa fantástica e cara lua de mel.

Tosses, olhos lacrimejantes e um pequeno engasgo aconteceu após suas palavras serem ditas. Oliver ainda bebia um copo de água para acalmar a garganta quando percebeu a dimensão do significado de todas aquelas palavras.

— Agora eu me sinto um idiota além do normal depois de ter insistido na história. E o que você disse pra ele no telefone... apenas um por cento do que ele merecia.

— Eu sei. — ela sorri ligeiramente — Eu sempre imaginei que um casamento marcado para acontecer pela manhã não poderia dar certo.

— E porque você marcou pela manhã?

— A minha sogra disse que era completamente brega e inadequado se casar em outro horário.

— Isso é ...

— Ridículo. Definitivamente.

— Completamente. Sinto muito pelo seu ex babaca.

Ela apenas dá de ombros como resposta e volta a beber seu suco de laranja. Ele a observa em silêncio por alguns segundos preciosos, analisando como aquela mulher poderia estar tão composta em um momento tão conturbado da sua vida.

Ela sabia fingir como ninguém, isso era óbvio.

Francesca sorria quando qualquer um poderia chorar ao contar a trágica história de seu noivado fracassado ou ficaria profundamente envergonhado em anunciar em voz alta que estava aproveitando o que deveria ter sido sua lua de mel.

— E você? O que está fazendo aqui? — ela pergunta após esvaziar todo o copo e limpar os resquícios do líquido delicadamente com sua língua.

— Minha irmã, a que gosta de produções com psicopatas, me convenceu que eu precisava de férias e algum tempo relaxando.

— Funcionando?

— Se você considerar atender alguns telefonemas do trabalho e responder e-mails toda a manhã como “funcionar”, então sim.

— Você deveria escutar sua irmã e fazer isso “funcionar”. — ela imita suas aspas e sorri novamente. — Eu estou indo, então se divirta com o restante do banquete.

Eles se despedem com educação polida e acenos de cabeça, mas o sentimento de algo inacabado permanece preso em suas mentes, mesmo que eles não entendam o que significa ou como surgiu.

Simplesmente estava lá.

Esperando.

◆◆◆

— E então ele disse que eu fui o melhor corretor de imóveis que ele já viu. Eu já sabia, mas ele realmente validou minha importância no mercado. — o homem baixo e com olhos verdes arregalados se vangloria com um sorriso amplo e sua mão livre da taça de vinho branco próxima à mão de Francesca.

— Incrível. — ela diz por pura cortesia.

O homem havia chegado com um papo gentil e assuntos sobre o clima e os melhores sabores de vinho que ambos haviam experimentado. Então, muito rapidamente ele começou a detalhar seu currículo e seus grandes feitos como corretor de imóveis de uma grande cidade, fazendo questão de anunciar todos os seus

talentos e características que o fizeram ser o *melhor corretor de imóveis*.

— Você não tem interesse em se mudar para a região? Temos alguns jacarés, mas... — ele iria continuar seu enorme monólogo quando seus olhos vão para atrás de Francesca e seus lábios continuam abertos.

Ele se sentia como um animal ameaçado, as suas mãos pálidas suadas e sua testa franzida denunciando-o.

— Ei, desculpe interromper a conversa, cara. — a voz grossa e polida se faz presente — Eu perdi a minha irmã depois do café da manhã.

— Irmã? — ele pergunta com um tom de voz que denunciava a confusão que formou em sua mente.

A cor da pele, o cabelo e os olhos eram apenas três das várias coisas que Francesca e Oliver não pareciam. Entretanto, o desconhecido ainda não conhecia o incrível poder de persuasão do recém chegado.

— Exatamente. Temos o mesmo pai, nosso velho está até relaxando um pouco na sauna agora. A mãe dela morreu quando ela ainda era apenas um bebê e o seu pai se casou com minha mãe poucos anos depois, mas eu não poderia imaginar uma família mais perfeita do que a nossa. — ele puxa um banco ao lado de Francesca e abre um sorriso e genuíno para a sua irmã. — Você deveria nos ver enquanto crescíamos, era uma loucura como parecíamos na personalidade e *sempre* nos metemos em problemas juntos. — ele se levanta novamente tão rapidamente quanto no momento em que chegou. — Foi um bom papo...? Qual o seu nome mesmo?

— Ivan.

— Como aquele cara de Boston? Incrível, cara. Nós temos que ir, mas nos vemos por aí. — ele pega a taça de vidro da sua “irmã” — Tenho que levar essa garota para nossos passeios agendados.

Eles saíram com despedidas escassas e superficiais porque a mão de Oliver estava firmemente presa na de Francesca e ele a conduzia por entre as mesas do bar e para fora da estrutura de madeira antiga.

— Eu não sei te agradeço ou... eu realmente não sei o que fazer aqui. — Francesca diz entre pequenas risadinhas, sua voz soando tão incrédula quanto ela realmente estava.

— Você estava com uma expressão de terror e tédio em seu rosto quando eu entrei. Esperei por um ou dois minutos e ela só piorou. — ele explica sem parar o seu trajeto ou soltar suas mãos.

— Obrigada por isso. E o que foi todo aquele papo estranho?

— Nada demais. Pessoas ficam incomodadas com grandes monólogos e, quando envolvem coisas tristes ou muitas informações, não interrompem a sua conversa. Eu não dei tempo para ele tentar algo com você ou marcar algum encontro, ou seja lá o que ele estava planejando.

— E como você aprendeu isso? — ela diz puxando-o um pouco para trás e desacelerando seus passos para poder observar seu rosto enquanto ele respondia.

— Eu sou advogado. De divórcios e causas familiares. Monólogos irritantes podem salvar vidas quando um casal está a ponto de se matar pela partilha de bens.

Ele só recebe como resposta uma longa, alta e fofa risada de Francesca. A sua mão livre cobrindo a boca levemente para conter a vontade súbita de rir muito.

Rir sobre ele ser um advogado de divórcio depois de ela quase ter se casado com um idiota.

Rir sobre ela ter sido socorrida de um estranho com um papo irritante e tedioso.

Rir sobre tudo o que ela passou nos últimos dias.

Sempre que ela pensava sobre a traição, o casamento desmarcado e a viagem ainda agendada haviam somente lágrimas se formando e angústia em seu peito, mas agora... ela só queria rir.

— Ainda bem que eu te faço rir, um ponto a mais que o idiota que deixamos pra trás.

— Para onde nós estamos indo, *irmão*? — ela pergunta ironizando seu novo título.

Eles estavam caminhando por uma pequena trilha na grama verde do jardim principal do hotel, tendo como destinos finais apenas a praia ou a quadra de tênis.

— Você está na praia. Vamos para ela.

— Ok?

— Ok. O próximo destino é você que escolhe.

— E como você tem certeza que iremos ter um próximo destino?

— Por favor, querida. — ele revira os olhos teatralmente e solta suas mãos para apontar para si mesmo — Além de todos os atributos físicos, eu sou inteligente, engraçado e te salvei do idiota. É inevitável nós não nos tornarmos amigos.

— Claro, melhores amigos. — ela diz irônica.

— Você entendeu a ideia.

Eles finalmente chegaram na pequena cerca de madeira colorida com as cores do arco-íris que dividia a grama da areia fofa e morna da praia, o oceano agora ainda mais próximo. Alguns casais e famílias estavam espalhados pela praia e várias pessoas se banhavam na água.

— Nós não deveríamos ter trago algo para forrar a areia?

— Sim, mas por isso existe um serviço maravilhoso que este hotel nos fornece. — ele responde apontando para uma pequena tenda de plástico montado que guardava bolsas de tecido grandes e com geladeiras com refrescos e comidas prontas.

Ele pegou uma delas e nos guiou até uma parte pacífica e com sombra de um guarda-sol disponível. Então ambos dividiram as tarefas de esticar o amplo tecido na praia e espalhar os pequenos lanchinhos e bebidas.

— Então, como é ser um advogado de divórcios? — Francesca pergunta já deitada e relaxada no tecido fino e refrescante.

— No começo nunca era tedioso, sempre tinha algum caso em que eu pensava “céus, como isso aconteceu? O que eu estou fazendo aqui? ” Agora é simplesmente meu trabalho que eu ganho meu dinheiro, ainda aparecem alguns casos diferentes e interessantes, mas quase sempre são a mesma coisa.

— Divórcios têm causas comum?

— Eu não sou psicólogo, obviamente. Então eu pego a essência do motivo e depois parto para a parte jurídica, mas eu acho que sim. Pode ser difícil para alguns sustentar um relacionamento por anos quando não estava preparado para sequer começar.

— Eu não sei se entendi direito.

Ele a observa em silêncio, seus braços envolvendo suas longas pernas em uma posição sentada. Francesca o observava também, o contraste entre o céu límpido e azul do céu com a sua figura alta e olhos claros viciantes.

Seus olhos eram como as águas a alguns metros de distância, você olhava uma vez e desejava fazer isso incansavelmente.

— A maioria das pessoas começam um casamento com a ideia de “um dia melhora”. “Ele é um idiota comigo, mas um dia ele não será mais”. “Eu nunca consegui manter um relacionamento longo, mas depois do anel no meu dedo eu irei”. São tantos os exemplos, mas é basicamente isso. Inúmeros clientes disseram que se arrependem de não ter percebido que *aquele* não era o momento de um casamento. Se os dois não estão prontos para isso...não tem sentido tentar e esperar que não fracasse.

Ela permanece em silêncio por alguns segundos, a sua mente borbulhando entre a sua vida e o homem parado à sua frente. A percepção se tornando cada vez mais latente e dolorosa de que ela talvez tivesse feito algo parecido com os clientes divorciados de Oliver, apenas esperando que um dia tudo fosse perfeito.

— Ele era perfeito comigo até que um dia não era mais. — ela começa, o seu coração batendo forte em seu peito — E eu pensava que era estresse, ansiedade pelo casamento se aproximando ou qualquer outro motivo que eu conseguia pensar na época. E eu realmente queria acreditar que era apenas uma fase, algo que mudaria quando ele tivesse a garantia que estávamos juntos de verdade.

— Casamento não é garantia de nada, infelizmente. Para o Estado é algo importante e para a Igreja é ainda mais. Porém, na prática? Você pode ser imensamente feliz e realizado com ou sem um papel confirmando algo.

— Você é casado? Ou já foi? — ela pergunta curiosa, mas impede seus olhos de vasculharem suas mãos e permanece no tom instigante das suas írises.

— Não. Você? — ele pergunta com um pequeno sorriso.

— Não. — ela responde com um sorriso ainda mais amplo. — De onde você é?

— Nascido e criado em Boston e você?

— Nascida no Arizona e me mudei para D.C quando tinha sete anos.

— Ótima coincidência. Sua padaria favorita lá?

— Flour Bakery&Cafe.

— Perfeita. Banda favorita?

— Imagine Dragons.

— É claro, você não conseguiria ser perfeita em tudo. — ele dá de ombros e muda seu olhar para o céu lindo sobre sua cabeça. — Ás vezes eu sinto falta de um sol como esse lá.

— Eu tenho certeza que não é só você.

— Você sabe que eu lido com famílias problemáticas e divórcios, mas eu não sei o que você faz.

— Enfermeira. — ela responde com orgulho. — Me formei há alguns anos e trabalho na enfermaria pediátrica.

— Isso é incrível. — ele a olha novamente com os olhos ainda mais brilhantes e um sorriso estampado em seu rosto.

— Você está me olhando como se eu fosse alguma heroína da Marvel, Oliver.

— Eu realmente estou. As minhas melhores memórias em hospitais na infância não são com os médicos, mas com as enfermeiras legais que me davam doces e me acalmavam quando eu tinha medo, o que era todas as vezes.

— Medo de agulha?

— Isso e qualquer outra coisa que eles vinham na minha direção que não fossem doces. Eu era bem pequeno quando assisti a um filme de terror que acontecia em um hospital com a minha irmã, me deu traumas e um castigo de uma semana para a minha irmã.

— Aquela sua história no bar lá atrás tem alguma coisa haver com a realidade?

— Absolutamente não. Eu simplesmente fui criando tudo na minha mente e despejando pela minha boca. Os meus pais estão bem, e vivos, e a minha mãe pariu eu e minha irmã, ela inclusive não esquece de reclamar em como éramos grandes e a fizemos acreditar que seria partida ao meio em algum momento na hora do parto.

Isso conquista mais risadas de Francesca e a faz sentar ao lado dele imitando sua posição relaxada e aproveitando a visão

espetacular no horizonte e suas cores exuberantes que nunca iriam superar as pinturas mais lindas feitas pelo homem.

O azul escuro da água tocando perfeitamente o céu azul claro e a sensação indescritível do calor do sol tocando sua pele e o vento refrescando-a ao mesmo tempo.

O lugar, o seu humor, a sua companhia...tudo parecia certo para Francesca. O que deveria ser um dos piores e mais solitários dias da sua vida estava sendo incrível, tão maravilhoso que não parecia real.

— Isso é real? — ela pergunta, os seus olhos observando a paisagem, mas o significado não sendo apenas isto.

— Surreal, certo? É como um presente poder viver isso.

Ideias percorrem rapidamente a mente de Francesca, a necessidade de ouvir a voz do homem ao seu lado e sentir aquela sensação pacífica e ao mesmo tempo turbulenta que sentia com ele. E que nunca havia sentido antes

— Quais as cinco coisas que você quer fazer antes de morrer? — ela pergunta, os seus olhos agora focados no oceano de seus olhos.

— Isso é fácil. — ele sorri e ergue uma grande e bronzeada mão para pontuar cada uma — Pular de paraquedas, nadar nu em um lugar inusitado, visitar o Egito, andar pela muralha da China, visitar um vulcão.

— Uau — ela ri um pouco chocada e animada — isso é incrível, mas um pouco perigoso, não?

— Viver não é perigoso?

— Isso é você tentando ser filosófico?

— Funcionou, não? — ele pisca um de seus bonitos olhos, se senta normalmente e foca toda sua atenção em Francesca — Agora é a sua vez, o que você quer fazer antes de morrer?

— Não é tão maluco quanto você, definitivamente. Aprender a tocar algum instrumento, fazer um curso de culinária, ver a Aurora Boreal, passear em um balão e beijar um completo estranho.

Ele fica sem silêncio longos e dolorosos segundos enquanto a observa com um pequeno sorriso em seus lábios e um brilho fabuloso em seus olhos.

— Nós não estamos perto de uma Aurora, passeios de balão podem ser difíceis de se achar aqui em pouco tempo e não temos

cursos de instrumentos ou culinária. O outro, nós vamos resolver aqui.

— O quê? Não? — a posição relaxada dela se contraiu e uma expressão de puro choque assumiu seu rosto.

— Sim. Você pode morrer atropelada amanhã e não terá feito nada da lista.

— Não. E pare de ser mórbido, isso é estranho.

— É a realidade, querida. Se eu não tivesse medo de ser preso por indecência eu nadaria nu facilmente naquela fonte de água da entrada.

— Porque você é louco. — ela dá algumas risadinhas e se levanta rapidamente — Eu preciso de distância de você e suas ideias malucas.

— Vamos só procurar algum estranho solteiro e pronto.

— Eu não vou beijar nem por dois segundos um estranho.

— Então porque você colocou na sua lista? — ele pergunta com um sorriso enorme em seu rosto e se levantando para acompanhá-la.

— Eu não sei, as pessoas normalmente colocam coisas estranhas em seus desejos. Não necessariamente temos que cumpri-las.

— Tudo bem. Não beije um estranho. — ele concede, cruzando os braços — Me beije.

Ele a observa enquanto ela ri alto, apertando sua barriga e limpando as lágrimas derramadas pelas risadas.

— Você é ótimo em piadas.

— Eu não estou brincando, Francesca.

— Você não está? — ela pergunta cada vez mais confusa, sua mente borbulhando com a expectativa de isso ser real.

— Não. Você pode me beijar e seguir sua vida sem nunca mais me preocupar. Desejo cumprido e se você for atropelada amanhã, o que não acontecerá, é claro, você tem quatro desejos para realizar e não cinco.

— Essa é a pior desculpa para convencer alguém a beijar que eu já ouvi.

— E a mais plausível, com certeza.

Ela pensa por alguns instantes, o seu peito cheio e seu coração batendo forte em seu peito. A sensação sufocante de querer se

arriscar e *realmente sentir*. Descobrir como seria simplesmente beijar um estranho e ver como é, mas principalmente saber como é com *esse* estranho.

— Ok.

— Ok? — ele parece confuso por um momento, como se ele não esperasse que ela iria aceitar tão facilmente, mas se recupera e coloca seus braços na lateral de seu corpo — Estou pronto.

— Agora?

— Sim ou você vai fugir para o seu quarto e só sair quando eu tiver ido embora ou te expulsarem.

— Eu não faria isso.

— Você faria.

— Eu faria. — ela assume, um sorriso um pouco envergonhado em seu rosto. — Tudo bem, mas você começa.

— Eu?

— Você. A ideia foi completamente sua, desde aquele papo estranho no restaurante para me ajudar com aquele...

Ela parou de falar porque seus lábios estavam nos de Oliver, as suas mãos firmemente presas em seu pescoço e em suas costas, e o restante do seu corpo...apenas sentindo.

Cada poro de seus corpos conectados um com o outro, sincronizados e conectados como um quebra-cabeça. O período de espera e montagem já no passado, porque eles finalmente chegaram ao encaixe perfeito.

Os lábios, a pele, o carinho da mão masculina em seu cabelo perfeitamente executado.

Francesca não precisava daquele homem para esquecer uma traição porque absolutamente nada importava naquele momento. O seu ex, os seus convidados e o seu casamento fracassado pareciam algo tão distante e tão abstrato em sua mente e apenas o presente incendiava seu corpo e aquecia sua alma.

— Eu não sou um estranho. Você sabia o meu nome. — ele brinca quando eles finalmente se permitiram distanciar alguns centímetros.

— Não é. Eu acho que podemos fazer um ajuste nisso, certo? Se eu for atropelada...

Ele a cala com um selinho e sorri, os seus olhos fixados um no outro.

— Eu vou te deixar longe de qualquer veículo amanhã. E nós fizemos as regras, eu posso ser seu estranho.

— Ok, meu estranho.

— Ok. Agora eu acho que eu não posso te deixar sumir como um estranho idiota faria.

— Eu concordo completamente. Nós podemos fazer isso funcionar, não?

— Definitivamente.

— Quando tivermos prontos?

— Claro, linda.

— Eu estou pronta para sair desse sol, *lindo*. — ela diz com um pequeno sorriso e recebe a sua nova risada favorita.

◆◆◆

Já era o terceiro dia que eles aproveitavam o mar, a areia morna tocando seus pés e o vento fresco refrescando suas peles. Eles se conheceram, se ouviram e compartilharam experiências incríveis e ruins, sonhos de infância e sonhos para o futuro.

Foi ali, naquele resort cheio de almas apaixonadas, de casais tentando reacender a chama do amor e de solteiros aproveitando o sol, que eles entenderam o verdadeiro significado de refúgio.

Refúgio podem ser infinitas coisas, desde um lugar há milhares de quilômetros de distância até o conforto do próprio lar.

Refúgio poderia ser uma pessoa, também.

Uma pessoa que você pode confiar, se apaixonar todos os dias e mesmo nos momentos mais difíceis, quando tudo parece uma confusão cruel de sentimentos, pode-se encontrar a tranquilidade em um outro ser humano. Encontrar o carinho nas mãos sedosas acariciando o seu cabelo. Encontrar o afeto com um beijo de boa noite.

Encontrar alguém que aceita manter um relacionamento mesmo que os defeitos do outro venham junto com o outro.

— Você parece animada sabendo que iremos viajar de volta em poucos dias. — ele disse em uma tarde particularmente mais quente e úmida que as anteriores, suas mãos massageando os músculos de sua panturrilha dolorida.

— Eu estou. — ela responde sincera, os seus olhos na paisagem paradisíaca atrás de sua janela — Eu terei que lidar com todos os problemas que um cancelamento de casamento traz, atenderei algumas ligações difíceis e irei enfrentar minha ex sogra. Porém, eu também vou estar em casa, feliz que eu estou livre de um babaca e com sorte, nas próximas semanas vou ser pedida em namoro por outro cara

— Outro cara, hein? — ele diz com uma pequena risada.

— Um cara gostoso que eu encontrei por aí, um completo estranho. — ela responde escondendo o seu sorriso com os lábios pressionados um no outro.

— Sua mãe não te disse que não se deve conversar com estranhos?

— Sim, senhor.

— E você desobedece sua mãe namorando um estranho.

— Quando ele me pedir em namoro não vai ser mais um estranho. Vai ser o cara que vai buscar o meu café todos os dias.

— O seu empregado, então.

— Claro, com salário e outros bônus por ser ótimo no serviço.

Eles haviam conversado sobre o futuro. Ela havia acabado de sair de um noivado conturbado, uma separação muito recente e tinha toda a pressão dos familiares e amigos ao seu redor. A vida era sua, é claro, mas ela ainda escolheu a cautela.

Eles deveriam começar algo quando realmente estiverem prontos para isso.

E quando estivessem, ele prometeu que o seu estranho a pediria em namoro.

— Você é terrível. — ele diz com um beijo suave em sua testa, os seus olhos brilhantes a observando.

— Obrigada, estranho.

— Não me agradeça ainda. Você prometeu que iremos pular de paraquedas.

— Não, eu disse que apoiaria você e tiraria fotos quando você voltasse.

— Por favor, eu sou um advogado. — ele diz com um revirar de olhos — Eu irei te convencer, não se preocupe. Então você pode me agradecer depois com um beijinho.

Os dois continuaram construindo sua história juntos. Tendo uma certeza m

O amor precisava ser vivido apenas quando estava pronto para ele e nem mesmo as piores experiências como uma dolorosa e inesperada traição podem impedi-lo de acontecer. Na hora certa, no momento ideal e apenas quando o amor precisa *ser encontrado*. E em alguns casos... uma ligação constrangedora e um estranho em sua viagem de lua de mel podem indicar a hora certa.

E ela havia chegado para os dois.



A máscara horrenda de três dólares estava incomodando sua pele e seus olhos não conseguiam enxergar perfeitamente com toda a fumaça e o pedaço de plástico que havia esquecido de tirar da parte externa de Salvador Dalí (ou pelo menos a máscara inspirada nele).

Frederic bufa quando percebe que a fantasia não era nada incrível como o grande dinossauro que estava ao lado da piscina ou uma garota que parecia bizarramente uma boneca de filme de terror. Era o que a sua pequena mesada podia pagar sem que ele ficasse sem dinheiro para terminar o próximo mês, entretanto.

E o próximo mês mal havia começado.

— Desculpa, cara. — um garoto bêbado fala em meio à um soluço depois de esbarrar em seu corpo e correr desleixadamente até a saída.

Ele não teve tempo o suficiente para respondê-lo, então apenas bufou baixinho e caminhou até uma parede no canto para não ser alvo de esbarrões ou vômitos de pessoas aleatórias. A última vez que se arriscou ficar no meio da massa de corpos suados e alcoolizados foi quando saiu fedendo maconha, cerveja barata e com os seus tênis arruinados depois que uma garota da fraternidade não conseguiu chegar ao banheiro a tempo.

Tudo bem, ela sequer tentou chegar até lá.

Um suspiro cansado sai do peito de Frederic, o seu olhar cansado escaneando o lugar que deveria ter sido “uma forma de se distrair dos exames chegando no próximo mês”, pelo menos foi isso que seu melhor amigo disse para convencê-lo. E quando esse mesmo amigo, Lando, teve intoxicação alimentar depois de um hambúrguer de procedência duvidosa ele disse: “tudo bem, você vai lá e se diverte por nós dois. Fim da discussão, cara. Eu definitivamente não irei passar horas no banheiro com você no quarto ao lado.”.

Ele estava feliz por não ter que aguentar o cheiro ridículo que o apartamento teria nesse momento, mas nenhum pouco animado com a perspectiva de ficar nesse lugar tentando se encaixar.

Algumas pessoas dizem que a faculdade é o lugar que você começaria a achar seu lugar no mundo, encontrar novas amizades e viver as melhores aventuras da sua vida. Isso realmente acontecia, pelo menos para alguns sortudos, é claro.

Sair de uma infância pobre, amigos que se resumiam aos seus vizinhos velhos e alguns párias do colégio e de uma cidade pequena não parecia um cenário animador para um jovem indo para uma das maiores universidades do país em uma das maiores cidades do mundo.

Você poderia encontrar inúmeras pessoas ao seu redor, mas a solidão ainda pode impregnar sua pele como uma sanguessuga indesejada.

— Isso é ridículo. — ele murmura para si mesmo.

O trajeto até a saída é feito em passos largos e apressados, toda a história de se divertir antes das provas finais sendo completamente ignorada. Lando poderia sobreviver com o seu amigo no quarto ao lado, ou era isso que Frederic rezava para acontecer.

O vento foi a primeira coisa que ele sentiu quando finalmente passou pela gigantesca porta de madeira avermelhada, o cheiro de terra parecendo incrível e mais aconchegante que o odor de suor e álcool que estava dentro da casa.

Ele desceria as escadas e caminharia os três quarteirões até o ponto de ônibus e, se tivesse sorte, estaria deitado em sua cama pequena e desconfortável em menos de uma hora.

Até que ele escutou um murmúrio baixinho e uma fungada em seu lado esquerdo, então todos os seus planos foram completamente dispensados.

Uma garota estava chorando. O seu cabelo castanho escondendo seu rosto enquanto ela lutava para chorar o mais baixo possível, mas mesmo assim ainda foi ouvida.

Um arrepio percorre o corpo tenso de Frederic, garotas chorando em festas de fraternidade poderiam significar tantas coisas...

Um término ruim de namoro.

Uma briga com alguém.

Um assédio.

Um estupro.

Céus, ele odiava a realidade do planeta em que vivia. E infelizmente, era apenas esse em que poderia morar.

Os seus passos são tranquilos em direção à garota que ainda está encolhida sentada no chão de concreto, as suas fungadas agora ainda mais rasas e silenciosas.

— Ei, você está bem? — a sua voz rouca é o mais baixo possível para que possa ser ouvido com o barulho da festa lá dentro.

— Sim, você pode ir. — ela responde rapidamente.

— Eu irei. Eu só preciso ter certeza que você está realmente bem, ok? — ele pergunta com delicadeza, o seu corpo se abaixando levemente ao seu lado.

Perto o suficiente para garantir que ela esteja segura, mas longe o bastante para não ser um idiota.

— Eu estou bem. — ela finalmente levanta a cabeça para respondê-lo — E o que isso importa para você? Ou melhor, quem é você?

— Eu sou um ladrão de bancos, é óbvio. — ele responde com um sorriso, mesmo que ela não possa vê-lo. — Você é uma princesa.

— E eu não preciso de heróis.

— Ainda bem que eu sou um ladrão de bancos, então.

Ela sorri um pouco, o bastante para transformar seu rosto em algo ainda mais bonito. A sua pele era escura e seus cabelos estavam cacheados e cheios ao redor de sua cabeça, suas sobrancelhas grossas e seus lábios carnudos faziam dela um outro nível de beleza.

A garota à frente de Frederic era daquelas pessoas que você não precisa olhar mais de uma vez para declarar um sólido “Puta que pariu” que também poderia significar um “Ela é maravilhosa, caralho”.

— E você vai roubar algum banco agora?

— Não fazia parte dos meus planos. E você? Fugiu de algum castelo ou algo assim?

— Algo assim. — ela dá de ombros com um sorriso triste e observa os vários carros ao seu redor estacionados na rua quase deserta.

Esse era um dos horários mais perigosos de se estar sozinha do lado de fora de uma grande festa de halloween em uma fraternidade, a maioria dos convidados” já haviam chegado e estavam dentro da casa se embebedando ou no grande quintal dos fundos.

Era escuro, frio e nada seguro para uma garota estar sozinha.

— Você é o primeiro que realmente se preocupou, sabe? — ela diz, com seus olhos escuros observando a rua à sua frente — Os três que me perguntaram apenas me ignoraram depois de saber que eu estava viva, eu acho.

— Você pareceu bem viva, para mim. Fisicamente... — ele precisa coçar a garganta antes de continuar. — você está legal?

Ela afirma com a cabeça e limpa as lágrimas que estão molhando seu rosto angular, suas bochechas úmidas e seu nariz com um pouco de ranho.

— Céus, isso é nojento. — ela ri para si mesma antes de procurar algo na pequena bolsa ao seu lado, então pega um pequeno lenço umedecido de uma embalagem de plástico.

— Isso… é prático. Eu acho.

— Eu levo pra todo lugar, eu não confio em papéis higiênicos alheios.

— Sim, é bem nojento. — ele ri um pouco e se permite sentar no chão, os seus joelhos implorando por misericórdia depois de algum tempo agachado.

— Eu sei, e deve ser ainda mais nojento em banheiros masculinos. Homens são tão porcos. — ela revira os olhos. — Desculpe, ofendi sua... classe.

— Não se preocupe, a minha classe pode ser nojenta com muita facilidade.

— Sim, definitivamente. — ela sorri e joga o lenço usado ao seu lado — Então, você estava indo embora antes de vir me socorrer?

— Sim, isso... — ele aponta para a grande casa branca — não é para mim.

— E porque você veio?

— Meu amigo me convenceu.

— Clássico. E clichê.

— Eu sei, mas isso ocorre muito comigo. Ele acredita que devemos ter a experiência completa na universidade e essas merdas.

— E onde ele está?

— No nosso dormitório com uma intoxicação alimentar, provavelmente está passando algum tempo admirando os azulejos do nosso banheiro.

— Coitado, o que ele comeu?

— Um hambúrguer de algum lugar estranho que ele encontrou voltando da casa dos pais. Ele disse que estava com fome, foi no primeiro lugar que passou e voilá.

— Vocês são próximos? — ela pergunta com um pequeno franzido em suas sobrancelhas, a sua atenção nele.

— Somos amigos desde crianças, eu já o vi em situações mais constrangedoras que uma intoxicação alimentar.

— Isso é...legal. — ela diz, sua voz parecendo sincera e até um pouco triste. — Não a parte da intoxicação alimentar, é claro.

Ele deu uma pequena risada, a tensão do seu corpo se esvaindo aos poucos com a percepção de que mesmo que ela seja uma garota *dos sonhos* ela ainda era *real*. Ou pelo menos o mais tangível que alguém como ele poderia tocar.

A possibilidade de sair queimado pelo sol é muito maior do que a beleza e poder que ele tem.

— Eu acho que vou indo então. Você vai ficar bem? Tipo, pode ser perigoso uma garota sentada sozinha do lado de fora de uma festa cheia de idiotas bêbados.

— Eu sei, eu realmente não deveria estar aqui. Eu estava tão... — ela perde as palavras por alguns segundos, os seus olhos escuros

um pouco perdidos — eu só não sabia para onde ir.

— Isso é fácil.

— Fácil?

— Extremamente fácil. Pelo menos essa é a teoria do meu amigo.

— E o que essa teoria diz? — ela pergunta curiosa, o seu humor fazendo com que seus lábios subissem ligeiramente em um sorriso.

— Ele diz que você deve superar uma tristeza por uma ainda maior. Você não pode estar triste se você está *muito* mais triste por ter comido hambúrgueres demais.

— Uma dúvida. — ela diz, o seu dedo subindo como se estivesse fazendo uma pergunta em uma sala de aula.

— Diga.

— Esse é o mesmo amigo que está com intolerância alimentar? O mesmo que deve ter feito moradia fixa no banheiro?

— Como você adivinhou? — ele está sorrindo completamente, mesmo que a máscara ainda cobrisse seu rosto.

— Uma princesa tem seus dons. Então, você vai me levar para comer hambúrgueres?

— Isso é você querendo que eu a convide?

— Isso é você querendo que eu queira ser convidada? E a resposta é sim.

Estou tão fodido.

Tipo, literalmente e completamente fodido.

Os pensamentos de Fred eram basicamente esses enquanto ele observava a sua expressão calma, mas ao mesmo tempo ansiosa, esperando a sua resposta.

Era esse o momento em que ela diria que era tudo brincadeira e ele voltaria derrotado e se sentindo um idiota para o dormitório? Isso já havia acontecido antes no ensino médio e alerta de spoiler: não era legal.

O sorriso que ela deu para ele respondeu as suas dúvidas, aquele pequeno sorriso em seus lábios e aquele gigantesco em seus olhos.

Ela parecia genuinamente feliz com a ideia da teoria ridícula do seu melhor amigo, e ele só queria que essa felicidade transbordasse por seu corpo, não se limitando apenas aos seus olhos bonitos ou aos seus lábios perfeitos.

— Alteza, você comeria um hambúrguer com esse ladrão de bancos? — ele pergunta logo após se levantar, a sua mão direita estendida para ela.

— Sim, mas você precisa tirar a máscara. Princesas não saem com mascarados.

— Ou com ladrões.

— Eu irei fazer uma exceção para os ladrões.

Ele hesitou apenas por alguns segundos antes de tirar a máscara de plástico barato e espera ainda com a mão erguida para que ela a pegue.

A sua mão quente e suave tocou a sua e ele teve a certeza que algo mudou em sua vida.

Elina James.

A garota que ele havia esbarrado em seu primeiro dia de aula, tão linda e tão intocável que ele teve a certeza de que nunca mais a veria. Caras como ele não tem *esse* tipo de sorte, aquele tipo que você se encontra com a garota da sua vida todas as semanas e ela percebe que você é *aquele* cara dela.

Ela estudava longe e era uma veterana, com amigos e cursos diferentes, estilos de vida completamente opostos e nenhuma atração recíproca.

Bonita, rica e com uma vida perfeita em suas redes sociais recheadas de seguidores.

Ele era um cara com autoestima destruída pelo bullying, com dinheiro contado em seus bolsos e uma rede social com alguns poucos seguidores que acompanhavam suas fotos da natureza e da cidade.

— Você é mais bonito sem máscara… Qual o seu nome?

— Frederic Wolff.

— Elina James.

Ele quase diz um bobo “eu sei quem você é” ou um ainda mais ridículo “é impossível não saber quem você é”, mas opta pelo certo e pelo sincero.

— É um prazer, Elina.

— Igualmente, Fred. Agora, vamos comer alguns hambúrgueres ou não?

Eles caminham para pegar um táxi e logo estão em uma das melhores lanchonetes da cidade, sentados em frente ao outro e debatendo sobre o um dos mais célebres e importantes dilemas da humanidade:

Ketchup pode ou não ser colocado em uma pizza?

— Não, não pode. Isso é quase uma afronta à história da pizza e aos italianos! — Elina diz à sua frente, a sua expressão fechada e seus olhos fixos na sua companhia que parece muito feliz consigo mesmo.

— Eu realmente não me importo com isso.

— Você deveria. Ketchup é horrível.

— Não, não é.

— Frederic Wolff, eu te odeio nesse momento.

— Tudo bem. — ele diz com um sorriso enorme em seu rosto, tanto em sua boca quanto em seus olhos.

— Tudo bem?

— Você também odeia ketchup e Snickers. Eu fico feliz ao ser incluído ao lado dos dois.

— Você é… você é irritante.

— O que você disser, princesa…

Ela tem um sorriso completo em seus lábios agora, eles comeram hambúrgueres enormes com muita batata frita e refrigerante e ela realmente se declarou triste depois de estar quase passando mal de tanto comer. Não seria um ato que ela tornaria um hábito, mas foi uma das melhores coisas que ela havia feito em dias, talvez até em semanas.

Ou sendo sincera consigo mesma, em meses.

E isso não foi porque tudo estava uma delícia ou porque o som estava tocando sua banda favorita desde que chegaram, mas porque Frederic Wolff estava com ela.

— Obrigada por isso. — ela diz, o seu sorriso um pouco mais frágil.

— Isso não foi nada.

— Isso foi tudo. Obrigada.

— Por nada.

— O meu irmão vai ser preso.

Frederic fica em silêncio por mais tempo do que ele gostaria, a sua atenção na maneira como ela ajusta alguns fios cacheados que caíram em sua testa e evita olhar em seus olhos. Nada do que ele poderia falar poderia suprir o que ela realmente precisa nesse momento.

Ele não seria capaz de tirar o seu irmão da cadeia.

— Era por isso que você estava fora da festa?

— Sim. A minha mãe ligou dizendo que os seus patrões descobriram que ele roubou nos últimos dois meses, algumas centenas de dólares. Ela não estava realmente preocupada com isso, no entanto. Ele não deveria ter roubado de *quem* roubou.

— E eu conheço quem ele roubou?

— Uma das quatro famílias mais importantes de Boston. Isso é uma dica? — ela pergunta com o sorriso triste de volta — Eles já destruíram carreiras antes por menos.

— E o que os seus pais irão fazer?

— Rezar, eu acho. E a última vez que eles fizeram isso foi na igreja quando se casaram. Depois, lidarão com a crise de imagem que envolve o filho de um médico sendo preso por roubo.

— Eu... — ele coça a sua garganta para ganhar algum tempo para formar um pensamento coerente. — E como você sente sobre isso?

— Não é óbvio?

— É diferente sentir algo e dizer o que você está sentindo. Colocar isso para fora torna isso real, tão real quanto pode ser, mas então a sua cabeça se esvazia um pouco de todo esse caos.

— Como você aprendeu isso?

— Terapia por alguns anos e alguns conselhos da minha mãe que lutou contra depressão e venceu.

— Você ainda faz terapia? Desculpe-me se isso for indelicado.

— Não é indelicado, Elina. Pode perguntar o que quiser. — ele garante com um sorriso gentil — E sim, eu ainda faço, mas apenas uma vez por mês por chamada de vídeo.

— E falar em voz alta te ajudou?

— Me salvou. — as suas mãos procuram o copo de refrigerante e ele bebe um gole para aliviar sua garganta seca e disfarçar o tremor de suas mãos. — Eu sofri bullying. E foi o tipo *muito* ruim de

bullying. Começou quando eu tinha sete anos e terminou com dezessete.

— Dez anos? E como terminou?

— Eu parei no hospital com duas costelas quebradas e uma fratura no braço esquerdo. Os babacas foram presos e levados para um reformatório. A faculdade? Foi paga como um acordo para que eu calasse a boca sobre isso depois.

— Porquê?

— Um deles era filho do prefeito e ele não queria que eu dissesse para seus eleitores que o seu filho havia sido preso e mandado para fora do estado. Eu não me sinto culpado em aceitar, eles deveriam me dar algo depois de tanto tempo apenas tirando. Minha sanidade, minha vontade de ir para a escola, meu ânimo, eles tiraram tudo. E alguns milhares de dólares não faria diferença para os seus bolsos.

— Eu fico feliz por eles terem pago por isso. Você não merecia nada disso, você é… especial demais para isso. É claro, você tem alguns defeitos como gostar de ketchup na pizza e de chocolates ruins.

Eles sorriem um para o outro novamente e o clima alivia um pouco, apenas o suficiente para que coragem florescer no peito de Elina e as palavras começaram a sair.

— Os meus pais nunca se importaram conosco, fomos criados com babás e éramos úteis em apenas alguns momentos do dia, nenhum deles sendo bons em ser pais, ou sequer tentando ser. A popularidade começou a ser importante para mim porque eu me sentia *visível,* pode parecer idiota mas eu sentia como se as pessoas se importassem comigo, nem que seja para ser bonita e legal. Eu me esforcei para ter amigos, tirar ótimas notas e ser o que eles queriam que eu fosse. O meu irmão foi o inverso, ele ainda implorava por atenção, mas era em situações ruins como batidas de carro, festas enormes em nossa casa e alguns delitos que poderiam ser encobertos com algum dinheiro. — ela suspira e continua a falar com os seus olhos ainda presos em Frederic — Ele roubou primeiro do nosso pai, alguns milhares de dólares. Então, quando ninguém se importou com isso…foram 100 mil dólares. Eles notaram, gritaram e o humilharam como nunca havia acontecido antes.

Agora, ele parece ter tentado um nível a mais, ou melhor, para o nível máximo.

— E como ele conseguiu roubar das pessoas mais espertas do país?

— Ele era do financeiro, formado em Finanças em Havard. Ele começou com pouco e foi subindo à medida que não estava sendo notado. Entretanto, eles obviamente notaram. E a minha mãe acredita que eles permitiram que ele roubasse durante esses dois meses até que eles tivessem provas concretas e irrefutáveis de que era ele.

— E como você se sente?

— Estou com raiva, medo, triste e um pouco com inveja.

— Inveja?

— Os meus pais não irão perdoá-lo, eles amam demais o seu status social para reintegrar um ladrão em sua família. Um ladrão que roubou quem não se pode roubar, um ladrão que irá aparecer em todos os noticiários do país. Ele lutou tanto por sua atenção e agora ele não a terá mais. E eu acho que quero isso. — ela fecha os olhos, os seus cílios longos e escuros tremulando — Eu percebi que queríamos tanto ser notados, mas talvez fosse o contrário agora. Nós queremos que eles nos esqueçam.

— Você não deveria querer ser esquecida, Elina.

— Por que?

— Você é inesquecível, Elina. E seus pais são apenas burros demais para perceber isso.

Os seus olhos se enchem d'água e ela abre o mais lindo e o mais sincero sorriso que ela havia dado em todas as horas que eles estavam juntos.

— Obrigada, Frederic. Eu gostaria de ter te conhecido antes.

— Provavelmente, não queria. Eu tinha aparelho, espinhas e eu era tão ma...

— Shh, só responda “eu também”. — ela está com seu dedo indicador em seus lábios e o seu rosto perto demais do seu.

Eles poderiam sentir o ar quente sendo expirado de seus narizes, a cor de seus olhos parecendo ainda mais vívidas e brilhantes vistas de perto e o cheiro… inebriante e viciante.

Elina James era toda inesquecível para Frederic Wolff. Desde o jeito que seu peito se ergue em sua respiração ofegante até a pequena cicatriz acima da sua sobrancelha esquerda.

— Eu também.

— Obrigada. Podemos concordar com uma coisa.

E eles se beijaram.

Um beijo inesquecivelmente perfeito.

Um beijo digno de uma princesa e um ladrão de bancos em uma lanchonete na noite de halloween.

Os lábios, as línguas, as respirações ofegantes e os arrepios na espinha. Era tudo perfeito.

E quando eles se separaram lentamente, os seus olhos fixos um no outro eles souberam disso. Pessoas inesquecíveis atraíam a perfeição, e diferente do sol, ela não queimava.

Ela era pura e boa.

— Eu tenho uma condição antes de te dar o meu número de telefone. — ela murmura com os lábios ainda próximos do dele.

— E o que seria, princesa?

— Não me faça ver você comendo uma pizza com ketchup.

— Droga, eu iria fazer isso no nosso próximo encontro.

— Não, você não irá fazer isso.

— Eu irei totalmente, com um grande e perfeito Snickers depois.

— Não, eu não irei...

Os seus lábios se tocaram novamente e nada mais precisou ser dito, tudo já estava bom o bastante para ambos. O resto do mundo? Completamente esquecidos.



O caixão já não estava mais com a bandeira dos Estados Unidos da América orgulhosamente sobre ele, ele já jazia abaixo da terra assim como os outros dois. As armas estavam sendo guardadas e os carros saiam lentamente do cemitério frio e amargo da cidade.

Hoje deveria ser um dia de celebração para a maioria dos presentes, era um dos mais importantes dias para as Forças Armadas: o dia dos veteranos.

Era feriado e eles provavelmente dariam um jeito de beber algumas cervejas e escutar música enquanto assavam o que estivesse disponível na base. Os veteranos aproveitariam seu dia e provavelmente iriam provocar os novatos até que todos estivessem rindo e aproveitando aqueles curtos momentos em que a preocupação e o medo não preenchia o ar.

Eles não estariam fardados ou dentro de um tanque de guerra, nem mesmo arriscando sua vida em uma missão simples que poderia ser fatal.

Era feriado.

Era dia dos veteranos.

E três deles estavam sendo enterrados.

O peito de Elizabeth ardia cada vez mais enquanto ela observava a mãe do seu melhor amigo chorar agachada na grama, suas mãos nuas tocando o solo frio do inverno. Aquela

mulher era uma das mais fortes e compostas que ela havia conhecido, nunca com o cabelo desarrumado ou com a roupa amassada.

Aquela mulher não iria em um lugar público sem passar uma leve maquiagem em seu rosto e pentear seus fios castanhos em um penteado simples e bonito.

Aquela mulher não sujaria sua roupa com terra e grama.

Aquela mulher não ousaria gritar no meio de pessoas desconhecidas. E aquela mulher havia perdido seu filho para a guerra.

Uma guerra que mesmo que ele dissesse que sim, ainda não era dele.

— Betsy — ela escuta uma voz masculina atrás de si, grave e rouca como se lembrava. Uma mão grande e áspera tocou a pele do seu braço, mas ela afastou seu corpo do toque. Ela não poderia aguentar a queimadura que seguiria quando ele a tocasse por completo, como seu coração se quebraria novamente e como estava cansada de tentar consertá-lo.

— Betsy, por favor. — sua voz está cheia de dor quando ela se vira para ele.

Luke Morris era o homem mais bonito que ela veria na sua vida, isso era um fato. Tão certo quanto a Terra gira ao redor do Sol e que o sangue corria por suas veias.

O seu cabelo escuro estava um pouco mais longo que o usual corte militar, mas a memória mais forte em sua cabeça é aquela em que ele era mais longo. Grande o bastante para que ele caísse em sua testa e ela ficasse ajustando-o e tocando-o da forma que quisesse.

Ele olharia para ela com seus olhos azuis escuros e daria um dos seus sorrisos amplos e sensuais. Um beijo seria depositado com delicadeza em sua bochecha, testa e boca, exatamente nessa ordem.

Ele não seguiu a sua própria ordem apenas uma vez, quando ele quebrou o seu coração e a sua confiança.

— O que você quer? — a sua voz é baixa e contida, mas seus olhos estão com tanta raiva e mágoa que o fôlego de Luke foge aos poucos de seus pulmões.

— Conversar. Nós estamos indo para aquele bar que ele... — ele não completa sua frase porque ela revirou seus lindos olhos castanhos claros e o interrompeu.

— Eu não vou conversar com você. Com ninguém, na verdade.

— Ele morreu, Betsy. E ele queria que nós...

— Eu sei que ele está morto, eu acabei de ver ele sendo colocado debaixo da terra. E você não é ele, idiota. Você não sabe o que ele queria.

— Eu sei, Elizabeth. — ele pronuncia cada palavra com confiança. — ele queria que *tudo isso* passasse.

Uma risada curta e sarcástica escapa pelos lábios da mulher à sua frente e ele continua tentando decorar o quão bonita ela está, decorar novamente como seus lábios são rosados e macios ou como o seu cabelo escuro está caindo em ondas bagunçadas em suas costas.

Ele sabia que era um trabalho impossível.

Elizabeth Rudson era tão complexa e perfeita que você nunca iria terminar de descobrir coisas novas sobre elas.

E ela também nunca poderia deixá-lo esquecer o quão brava ela está com ele e o quão teimosa ela pode ser.

— Você sabe mais o que ele queria? Que eu parasse de chorar como uma idiota patética quando você foi embora. Que ele não tivesse que disfarçar a frustração de estar sozinho em cada data comemorativa que eu estivesse. Ele ficou olhando a porra da entrada da minha formatura e mentiu quando eu perguntei o porquê, mas você sabe o motivo. Ele queria tantas coisas, Luke. E eu posso te prometer que ele não queria que eu fizesse algo porque você está cheio de culpa e tristeza, então, eu não vou sair com você ou com seus colegas ou com nenhuma outra pessoa. Eu fui clara?

Ele não conseguiu respondê-la já que ela estava caminhando em passos decididos para fora do cemitério, o seu tênis branco pisando pesadamente na grama delicada assim como ela. Ele tinha tantos arrependimentos em sua vida, tanta coisa que ele poderia fazer diferente. O que ele fez com a mulher da sua vida era um deles.

Ele só precisava convencê-la que ele nunca deixou de amá-la e principalmente: pedir o seu perdão e torcer para que um dia ela pudesse amá-lo novamente.

O caminho até o pequeno riacho em que eles deram o seu primeiro beijo era cerca de quarenta e cinco minutos de distância do cemitério e ele deu um pequeno e rápido sorriso ao perceber que ele estava certo.

Ela iria para o lugar mais especial para os três melhores amigos.

O lugar onde eles fizeram o pacto de amizade eterna, onde passaram os seus melhores momentos juntos. Eles banhavam na água, comiam doces até passarem mal do estômago e contavam todos os seus medos, anseios, felicidades e segredos.

E ele a encontra sentada na mesma pedra que eles fingiam ser uma mesa de piquenique para as suas tardes juntos.

— Eu te odeio. — ela murmura baixinho quando ele se senta no chão ao seu lado em

silêncio.

O barulho da água e do vento batendo nas árvores substitui o silêncio longo entre eles, as folhas sendo varridas do chão e alguns poucos pássaros sobrevoando na região. Os seus corpos próximos apenas o bastante para sentirem a presença um do outro, aquela sensação estranha e, ao mesmo tempo especial, que eles tinham quando estavam juntos.

Eles brincaram um dia que eles tinham algum tipo de “radar” para reconhecer a presença um do outro, e talvez eles estivessem certos.

— Eu me odeio também. — ele quebra o momento estranho que estavam tendo para

confissão que ele só seria capaz de fazer para ela. — Ele morreu nos meus braços.

— Eu...Isso... — ela está sem palavras, completamente em choque com o homem ao seu lado. — Era a nossa última missão juntos, apenas levar alguns mantimentos para outra base e então estaríamos livres. Dois carros em comboio, eu só vi o fogo subindo e o carro voando tão alto que eu não entendi

ainda como. Demorou dez minutos e doze segundos até que eu pudesse correr até o carro em chamas e tirá-lo de lá. Ele ainda estava vivo.

— Quanto tempo? — ela pergunta porque ele sabe a resposta.

Ele conta o tempo quando está nervoso ou ansioso.

Ela demorou vinte e dois minutos do momento em que chegou no riacho até quando os seus lábios estavam juntos pela primeira vez.

Nove segundos para ela responder o seu pedido de namoro com um “sim”.

— Ele ficou vivo em meus braços por dois minutos e quarenta e sete segundos. Ele disse que tinha deixado cartas para a sua mãe. Ele disse que me amava e que eu era o cara mais inteligente e burro que ele havia conhecido. — Ele pausa para limpar uma lágrima de seus olhos. — Ele disse que te amava e que eu nunca deveria deixar você fugir novamente. Ele prometeu que cuidaria de nós porque ele era assim... ele disse que veio ao mundo para cuidar de nós dois. Garantir que não sejamos idiotas.

— Você é o idiota. — ela brinca ao seu lado, as suas lágrimas grossas e quentes escorrendo em sua bochecha fria.

— Eu sei, acho que ele também sabia. — ele limpa mais uma das lágrimas que caem em seu rosto — Eu tentei falar com ele, mas ele apenas me mandou calar a boca e falou durante todo o tempo. Eu consegui dizer que o amava e que você também o amava muito. Ele só sorriu como se eu tivesse falado que precisamos de água para sobreviver.

— Você ficou com raiva?

— Eu fiquei com muita raiva. Eu carreguei o seu corpo até de volta a base e gritei com todos como um lunático. Eu não conseguia entender como o cara mais legal e gentil do mundo havia morrido daquele jeito, na porra dos meus braços. Eu estava puto porque eu prometi protegê-lo, eu prometi que voltaríamos juntos e vivos. Eu estava tão nervoso porque eu poderia ter falado que eu o amava todos os dias, ele deveria saber disso porra.

— Ele sabia, Luke. Todos os dias.

— Eu sei, ou pelo menos eu acho que sim.

— Ele nunca duvidou disso. Eu tenho certeza absoluta.

Luke cobre seus olhos com suas mãos e limpa as lágrimas que insistem em cair sem parar, a sua dor tão crua que parece corroer sua pele como ácido. O seu pulmão queimando em busca de ar e a sua boca seca como se estivesse no deserto do Oriente Médio há dias sem água.

Ele havia prometido que não falaria sobre os dois naquele dia, mas o medo de ela nunca mais ouvi-lo...

Porra, aquilo doía.

— Eu terminei com você por isso. — ele diz em voz baixa, tão envergonhado que ele apenas olha para a água límpida alguns metros à frente.

— Como assim?

— Eu sabia que a minha única chance era o exército e eu não tinha a menor ideia de quanto tempo eu ficaria fora. Um ano? Três? Oito? Vinte? Um dia eu estava deitado na sua cama com você nos meus braços quando eu percebi que poderia morrer. Eu acho que foi a primeira vez que eu realmente percebi que eu poderia ir e não voltar. Então eu imaginei que você ficaria me esperando e esperando e esperando e eu poderia morrer.

— Você foi embora porque estava com medo de morrer?

— Eu fui embora porque não sabia lidar com a chance de perder você para a morte. Eu achei que terminar antes de entrar era o seguro, eu teria controle sobre isso, ou o máximo de controle possível. Eu só podia pensar em situações que eu poderia morrer, pensamentos mórbidos e estranhos que não saíam da minha mente. E se acontecesse quando estivéssemos com o casamento marcado? Com um filho nosso em sua barriga? E se ele sequer me conhecesse? E se você tivesse que explicar para uma criança de poucos anos de vida que o pai dele havia morrido? Eu fiquei em pânico.

— Isso é… ridículo.

Uma risada escapa pelos lábios de Luke, seus olhos úmidos finalmente olhando a mulher ao seu lado.

— Acredite, hoje eu sei. Na época, no entanto, isso fazia sentido. E no primeiro ano essa paranóia apenas ficou cada vez mais forte. Eu vi casais terminando anos de namoro por conta da distância. Eu vi crianças ficando sem seus pais ou suas mães. Eu vi caras perdendo as melhores fases dos seus filhos porque estava numa porra de base militar. Eu tinha pensado em voltar para você, mas depois de tudo isso... eu decidi que você merecia uma chance.

— Uma chance de quê? — ela pergunta com nenhuma raiva em seus olhos, mas apenas tristeza e nos olhos dele, um pouco de esperança — E porque você decidiu isso por mim?

— Droga, Betsy. Uma chance de ser feliz. Uma chance de encontrar um cara que não ficasse tantos meses fora, um idiota que te trataria como uma princesa e te levaria no cinema como eu fazia. Uma chance de ter um marido presente e um pai que não corresse risco de vida todos os dias. — ele se levanta, o corpo alto e musculoso se expandindo — E porque eu decidi? Quatorze de janeiro o nosso primeiro ano de namoro.

— O dia do baile?

— O dia do baile. E o dia em que um eu de quinze anos prometeu te proteger. Eu prometi te proteger para sempre e eu queria cumprir pelo menos essa. Eu falhei em tantas promessas... e eu só queria fazer algo certo pela primeira vez na minha vida. Eu queria que você fosse feliz.

— E a sua felicidade?

— Eu realmente não ligava para isso na época e, honestamente, não ligo agora. Ela afirma silenciosamente com a cabeça, os seus olhos fixos no homem pertubado à sua frente. A vontade de gritar e brigar com ele por todos os anos de mágoa e dor sendo soterradas pela promessa que ela também fez naquele dia.

Ela prometeu protegê-lo do seu jeito.

Ele merecia alguém para protegê-lo em seus braços mesmo que ele acreditasse que poderia lidar com todo o peso do mundo ao seu redor.

— Vem aqui. — ela o chamou.

Ele a observa confuso por longos segundos, tão longos que ela quase chama-o de novo. Os seus passos são lentos e Luke parece inseguro de cada um deles, quase como se ele não estivesse certo do caminho a seguir.

— Sente-se.

Ele a obedeceu, não parecendo se importar com o seu jeans escuro já um pouco sujo.

O seu corpo estava quente, confortável e familiar para o corpo de Betsy, ela deitou seu corpo pequeno ao redor de seus braços grandes e apoiou sua cabeça na curva do seu pescoço bronzeado. Ela amava ficar em seus braços quando era apenas uma adolescente apaixonada, e parece que a única coisa que havia mudado era a sua idade.

— O que você está fazendo?

— O que você acha?

— Betsy, eu sei que você não me perdoou.

— Parabéns, Sherlock.

— Betsy...

— Luke, eu só quero deitar aqui e te explicar uma coisa. Depois você vai ficar calado por alguns minutos enquanto eu me aqueço, está frio, sabia?

— Eu sei. — ele responde com um sorriso fixo em seus lábios.

— Que bom, eu achei que o calor do deserto tivesse derretido seus neurônios.

— O que você quer me explicar? — ele pergunta depois de uma risada curta e rouca.

— Você é um idiota. Isso é um fato. Você terminou comigo em cinco minutos e me deixou sozinha em um parque cheio de pessoas que ficaram me olhando chorar. Então, sete anos depois você volta e me diz que você queria cumprir a sua promessa. Alerta de spoiler: você não cumpriu.

— Não? — o seu corpo relaxado que se contraiu desde o começo da terceira frase permanece tenso ao seu redor.

— Não. Eu não podia ser feliz sem saber que você estava vivo, saudável e sem hematomas. Eu não poderia ser feliz quando eu não podia falar com você e você me garantir que eu

estava indo bem na faculdade, no emprego ou seja lá o quê. Eu não poderia ser feliz sem saber que você estava lá para mim, Luke. Eu continuaria sendo sua namorada, noiva, esposa, amiga, independente da situação. E sabe o porquê? — ele balança suavemente sua cabeça em resposta — A sua felicidade importa para mim. E sabe o que mais? A minha felicidade depende um pouco da sua. Eu vivi a minha vida e tive momentos incríveis, alegres e legais. Eu só não podia ligar ou te mandar um email contando sobre eles, e acredite, eu queria tanto isso. Eu ficaria feliz só de saber que você estava ali... atrás de uma tela de celular ou fisicamente ao meu lado.

— Eu nunca te mereci.

— É verdade. — ela ri em seu peito, o som aquecendo o seu coração — Você merecia alguém ainda melhor, porque você sempre mereceu as melhores coisas do mundo. Agora, entretanto, eu acho que você é um pouco idiota demais e terá que se contetar comigo. Depois que eu te perdoar, é claro.

— É claro.

— Cara esperto.

— E o que faremos agora? — ele pergunta apertando-a em seus braços como ele sonhou durante todos esses anos.

— Eu vou ficar aquecida aqui e talvez chorar um pouco em seus braços, eu ainda mal comecei a entender o que aconteceu desde que a mãe dele me ligou. Depois, você irá me levar para comer.

— Ok. comer o quê?

— Você realmente teve alguns neurônios queimados pelo calor?

— Tudo bem, comida árabe.

— Isso mesmo, então nós iremos combinar como nós começaremos de novo. Eu... não consigo agora lidar com tudo isso, mas eu quero tentar de novo. Eu acabei de perder um dos meus melhores amigos e não quero lidar com isso sem você.

— Eu acho isso incrível, linda. — ele deposita um beijo suave em seus cabelos sedosos. — E eu... preciso que você me prometa não me deixar de novo quando voltar à ativa. — Eu não posso prometer isso, Betsy. Eu não vou voltar mais.

— Nunca, nunca?

— Nunca. — ele responde baixinho — Era literalmente a nossa última missão, iríamos voltar para você.

Ele a segurou firme depois disso, os soluços que saíam de seu pequeno corpo pareciam pequenas e dolorosas facadas em seu peito. As suas lágrimas molhavam o suéter abaixo da sua jaqueta e as suas mãos apertavam firmemente o seu corpo, trazendo-o para ela, prendendo-o junto ao seu corpo porque ela não poderia lidar com a distância naquele momento.

— Eu não te odeio. — ela murmurou baixinho depois que suas lágrimas se acalmaram.

— Eu sei, linda. E eu nunca deixei de te amar.

— Eu sei. Acho que eu sempre soube que eu não era a única que ainda sentia isso. — ela se aninhou como um pequeno gatinho em seu colo, buscando o cheiro do seu homem — Quanto tempo estamos aqui?

— Eu não sei.

— Você não sabe? — ela pergunta confusa.

— Não. Eu não pensei nisso desde o momento que eu pisei aqui.

— Hm…Uau.

— Os nossos momentos são especiais demais para conseguirmos mensurar isso em tempo, mas eu irei continuar contando tudo o que importa.

— Como o quê?

— As suas sardas, os seus abraços durante o dia ou os seus beijos durante a noite. E é claro, quantos dias até que eu finalmente chame a minha garota de esposa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a aquelas que me inspiram e me acompanham em todos os momentos, bons ou ruins: mãe, Bianca e Paula.
Agradeço a aquelas que me deram coragem e incentivo para seguir o meu sonho: Duda e Érica
Agradeço a mulher que revisou a minha arte e me ajudou muito mais do que eu mereço: Patrícia.
E agradeço a vocês, que me deram uma chance e confiaram no meu trabalho.
Obrigada!